

# OS REFUGIADOS NA PANDEMIA E A PROPOSTA DE AXEL HONNETH À INSUFICIÊNCIA CAPITALISTA

ISABELLA THALITA ANDRETTO OLIVEIRA<sup>\*</sup>   
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
VITÓRIA – ESPÍRITO SANTO – BRASIL

LUMA VILELA RAMOS FONSECA<sup>\*\*</sup>   
FACULDADE DE ENSINO SUPERIOR DE LINHARES  
LINHARES – ESPÍRITO SANTO – BRASIL

RANIELLA FERREIRA LEAL<sup>\*\*\*</sup>   
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
VITÓRIA – ESPÍRITO SANTO – BRASIL

BRUNELA VIEIRA DE VINCENZI<sup>\*\*\*\*</sup>   
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
VITÓRIA – ESPÍRITO SANTO – BRASIL

## RESUMO

Analisam-se a crise econômica mundial e seus elementos externados durante a pandemia de COVID-19, sobretudo em relação aos refugiados, a qual escancarou aos olhos do mundo a linha de atuação do sistema vigente, pela ótica do livro “A ideia do Socialismo”, de Axel Honneth. Para tanto, realiza-se o levantamento de dados referentes a pandemia mundial, com o fito de questionar como o ideal capitalista trata situações em que direitos humanos e a vida estão no centro da problemática. A partir disso, adotando um método dialético de pesquisa, empreende-se a releitura bibliográfica da Teoria de Honneth quanto ao modelo socialista, com o objetivo de buscar a possibilidade de uma alternativa ao sistema econômico atual capaz de preencher as novas expectativas sociais e econômicas.

**Palavras-Chave:** Capitalismo; Covid-19; Socialismo.

## ABSTRACT

The world economic crisis and its external elements were analyzed during the COVID-19 pandemic, especially about refugees, which opened up to the world the line of action of the current system, from the perspective of the book 'The idea of Socialism', by Axel Honneth. To this end, a survey of data relating to the world pandemic is carried out, with the aim of questioning how the capitalist ideal deals with situations where human rights and life are at the center of the problem. From this, adopting a dialectical method of research, a bibliographic review of Honneth's Theory is undertaken regarding the socialist model, in order to seek the possibility of an alternative to the current economic system able to meet new social and economic expectations.

**Keywords:** Capitalism; Covid-19; Socialism.

<sup>\*</sup> Mestranda em Direito Processual pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bolsista de mestrado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES). Pós-Graduada em Direito Constitucional e Administrativo pela Escola Paulista de Direito (EPD) e em Direito Constitucional Aplicado, e Direitos Públicos, pelo Faculdade Legale. Graduada em Direito pela Universidade Vila Velha (UVV). E-mail: andretto.isabella@gmail.com.

<sup>\*\*</sup> Professora de Direito Público da Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI). Mestre em Direito Processual pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pós-graduada em Direito Público e em Direito Constitucional Aplicado. Graduada em Direito pela Faculdades Integradas de Vitória (FDV). E-mail: lumavramos@gmail.com.

<sup>\*\*\*</sup> Mestranda em Direito Processual pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pós-Graduada em Prática Processual Civil (Damásio Educacional). Graduada em Direito pelo Centro Universitário Católica de Vitória (UNISALES). Advogada Voluntária e Coordenadora de Assistência Jurídica da Plataforma Lince. E-mail: raniella.leal@hotmail.com.

<sup>\*\*\*\*</sup> Doutora em Filosofia e Filosofia do Direito (Johann Wolfgang Goethe Universität - Frankfurt amMain) Professora Adjunta do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde leciona na graduação, no mestrado e no doutorado. Atualmente é, ainda, coordenadora da Cátedra Sérgio Vieira de Mello do ACNUR/ONU na UFES. E-mail: bruvincenzi@googlemail.com

## **INTRODUÇÃO**

O ano de 2021 foi determinante para a reflexão das contradições que o sistema capitalista impõe ao mundo e, principalmente, às pessoas mais vulneráveis. A solução encontrada para conter o avanço da doença e tentar frear a disseminação do vírus após a comprovação da transmissão humana foi a recomendação de isolamento social absoluto, que se tornou a principal bandeira da Organização Mundial da Saúde (OMS) ainda no início de 2020. Ocorre que a proposta de isolamento social afetava o desenvolvimento das atividades econômicas.

A resposta brasileira, contudo, foi lenta e, em alguns casos até mesmo proibitiva, especialmente em relação à entrada de estrangeiros com o fechamento da fronteira terrestre, causando inúmeros impactos na busca por proteção internacional daqueles em situação de deslocamento forçado.

No mês de março de 2020, quando governantes de muitos países já determinavam o fechamento de todos os serviços não essenciais, bem como o isolamento social absoluto da população, no Brasil, o governo federal se silenciou, quando então os governos estaduais tomaram a frente no enfrentamento à doença, e ainda no início de março começaram a emitir decretos com medidas para a contenção da transmissão local do vírus.

A proteção que o Estado brasileiro proporcionou de início foi diretamente direcionada à garantia do capital das grandes empresas, de modo que viabilizou, por meio da Medida Provisória 936, de 1º de abril de 2020, ações como o corte de salários, que já eram baixos e insuficientes, bem como a suspensão dos contratos de trabalho.

A resposta capitalista à crise causada pela pandemia de Coronavírus, no Brasil, colocou à mostra uma ferida antiga do próprio sistema capitalista. A doença, contudo, não é a razão da crise econômica mundial, mas apenas um de seus elementos, dado que a manutenção desse sistema depende da existência de crises cíclicas, conforme a doutrina de Karl Marx. Nesse cenário, Axel Honneth propõe uma revisão do sistema socialista como solução à crise do capital.

## **A RESPOSTA CAPITALISTA À PANDEMIA DE CORONAVÍRUS**

O capitalismo pretende o crescimento exponencial e constante, de modo que a crise constitui a essência do sistema, a qual permite as correções das contradições do próprio sistema.

O problema econômico e social trazido pela lógica capitalista ficou ainda mais evidenciado pela pandemia causada pelo Coronavírus, o que demonstra que esses problemas não são resultados da doença, mas consequência da própria lógica do sistema.

A fortuna de 647 bilionários norte-americanos aumentou em quase U\$960 bilhões, desde meados de março de 2020. Entre as empresas com maior crescimento econômico durante o ano de 2020 as de maior destaque foram justamente aquelas que não permitiram o isolamento social de seus funcionários, como nos casos do Walmart, Amazon, Target e Tyson Foods<sup>1</sup>.

O crescimento exacerbado das grandes empresas norte-americanas demonstra um contrassenso com a realidade vivenciada por grande parte da população daquele país. O desemprego desde o início da pandemia alcançou níveis mais altos dos últimos 70 anos, chegando a uma taxa de 14,7%, atingindo cerca de 20,5 milhões de pessoas<sup>2</sup>.

O cenário se repete no Brasil. As grandes empresas de *e-commerce* brasileiras, tais como Magazine Luiza e B2W, tiveram um aumento de 47% nas vendas, alcançando valores no patamar de R\$38 milhões, considerando apenas os meses de janeiro à junho de 2020<sup>3</sup>. O nível de desemprego, contudo, assim como no país norte-americano, atingiu níveis recordes no Brasil, chegando a 14,1 milhões de brasileiros<sup>4</sup>.

Os dados apresentados contrariam a afirmação de que a pandemia é democrática, pois atingiria a todos, brancos e negros, ricos e pobres, mulheres e homens, nacionais ou pessoas em situação de deslocamento forçado da mesma maneira. A declaração toma contornos nítidos e isso é evidenciado no Relatório Mundial sobre Salário 2020-2021, da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

O diagnóstico demonstra que mulheres e, sobretudo, trabalhadores com remunerações mais baixas foram os mais atingidos com reduções de salário no cenário mundial. Conforme o estudo, dentre os trabalhadores com menores remunerações, apesar de terem continuado com suas atividades durante o período de quarenta, cerca de 50% perderam aproximadamente 17,3% do salário<sup>5</sup>. Neste cenário, o refúgio toma contornos ainda mais difíceis e complexos.

Pessoas refugiadas, além de terem sido “[...] forçadas a abandonar suas casas devido a conflitos armados, violência generalizada ou violações dos direitos humanos<sup>6</sup>”, enfrentam a

---

<sup>1</sup>BILLIONAIRE. *Wealth vs. Community Health: protecting essential workers from pandemic profiteers*, 2020, [s.l.].

<sup>2</sup>ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. *Us Department Of Labor: uemployment insurance weekly claims*, 2020, [s.l.].

<sup>3</sup>EBIT. *42º Relatório Webshoppers*, 2020, [s.l.].

<sup>4</sup>BRASIL. *Desemprego*. 2020a, [s.l.].

<sup>5</sup>ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. *Global Wage Report 2020-2021*, 2020, [s.l.].

<sup>6</sup>ACNUR. *Dados sobre Refúgio*. 2021. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/%20dados-sobre-refugio/>>. Acesso em: Mar. 2022.

categorização e os estigmas de serem estranhos no território estrangeiro e violação de seus direitos básicos, o que intensifica ainda mais a sensação de insegurança e reduz a esperança de uma nova vida além da fronteira<sup>7</sup>. A pandemia cuidou em reforçar esse cenário de vulnerabilidade.

Cerca de 160 países fecharam as fronteiras ou fizeram restrições da entrada de estrangeiros em território nacional<sup>8</sup>, como o Brasil por exemplo. De acordo com Brunela Vieira de Vincenzi<sup>9</sup>, o Governo Federal lançou inúmeras portarias que, inicialmente, tinham como objetivo regular o movimento transfronteiriço e evitar o avanço do Novo Coronavírus, mas na prática acabaram criando exceções as restrições da entrada de estrangeiros e uma postura discriminatória contra venezuelanos, já que as portarias interministeriais, de números: 120 e 158, vedava apenas a entrada de pessoas da Venezuela.

Ocorre que os reflexos dessas restrições, além de dificultar a busca por proteção internacional, proporcionaram inúmeras barreiras nos atendimentos para emissão dos protocolos de refúgio e, via de consequência, o acesso ao emprego e/ou serviços de emergência<sup>10</sup>, o que dificulta a integração de pessoas refugiadas.

Apesar das dificuldades de uma padronização do conceito de integração, de acordo com Ager e Strang<sup>11</sup>, a integração é uma necessidade de discussão pública, já que deve ser compreendida enquanto “objetivo político fundamental relacionado ao reassentamento de refugiados e outros migrantes”<sup>12</sup>. Nesse sentido, considerando os obstáculos que se encontram no território estrangeiro no acesso aos direitos básicos como emprego, habitação, educação e saúde, a integração da pessoa refugiada fica em segundo plano.

Além disso, a garantia do isolamento social é realidade para poucos, visto que grupos vulneráveis não contam com as proteções próprias do sistema capitalista, como planos de saúde, internet banda larga, empregos que garantam a possibilidade de trabalho remoto, pagamento

---

<sup>7</sup>BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio De Janeiro: Zahar, 2017.

<sup>8</sup> UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB). *Fome, desemprego e medo: as dificuldades enfrentadas por refugiados no Brasil*, 2021. Disponível em: <http://repositoriocovid19.unb.br/repositorio-produtos/fome-desemprego-e-medo-as-dificuldades-enfrentadas-por-refugiados-no-brasil/>. Acesso em: 13 mar. 2022.

<sup>9</sup>VINCENZI, Brunela Vieira de et. al., *Venezuelanos no Brasil: apoio e preconceito durante a pandemia de Covid-19*. Revista da Escola Judicial do TRT4, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 249–276, 2020..

<sup>10</sup>UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB). *Fome, desemprego e medo: as dificuldades enfrentadas por refugiados no Brasil*, 2021..

<sup>11</sup>AGER, Alastair; STRANG, Alison. *Understanding integration: A conceptual framework*. Journal of refugee studies, v. 21, n. 2, 2008, p. 166-191.

<sup>12</sup> No original: “policy objective related to the resettlement of refugees and other migrants”. AGER; STRANG, 2008, p. 166.

integral do salário<sup>13</sup> ou, até mesmo, a possibilidade de escolha por atividades do setor formal, como no caso de pessoas refugiadas<sup>14</sup>.

O perfil de mortos por Covid-19 no Brasil demonstra que as maiores vítimas da doença são em sua maioria homens, negros e em condições socioeconômicas mais vulneráveis<sup>15</sup>. De outro lado, pode-se observar que soluções comunitaristas adotadas principalmente em regiões carentes foram fundamentais para o enfrentamento da crise sanitária de maneira eficaz, estabelecendo um verdadeiro exemplo de atuação para o poder público.

O mais impactante exemplo vem de Paraisópolis, em São Paulo, onde ativistas locais se organizaram promovendo ações de conscientização, distribuição de *kits* de higiene pessoal, de álcool 70% e de cestas básicas, bem como transformaram uma escola municipal localizada no bairro em um centro de pronto atendimento, com leitos, profissionais da saúde e ambulâncias. A solução logo mostrou seus resultados. Em Paraisópolis, até maio de 2020 teve uma taxa de mortalidade por Covid-19 de 21,7 pessoas por 100 mil habitantes, enquanto a Vila Andrade como um todo registrava 30,6 mortes a cada 100 mil habitantes, cenário que se repetiu em todo o município de São Paulo<sup>16</sup>.

As condições sociais num sistema capitalista refletem diretamente nas formas de distribuição do estado de saúde, através de desigualdades de acesso aos recursos necessários, da seletividade na exposição aos riscos, da constituição social das disposições ou preferências de saúde e das discrepâncias nos modos como as próprias instituições processam os indivíduos<sup>17</sup>.

A ausência de intervenção do poder público para manutenção e promoção de direitos para as camadas mais vulneráveis e a crise causada pelo sistema capitalista pode ser bem observada na alta dos valores da cesta básica no fim do ano de 2020, que alcançou o valor de R\$\$ 949,98 em outubro de 2020<sup>18</sup>. O valor representa 91% do salário-mínimo do trabalhador brasileiro. A alta dos valores dos alimentos tem relação direta com a desvalorização da moeda brasileira e alta do valor do dólar, já que os produtores internos preferem exportar suas produções dado que o ganho do capital será maior do que a venda dentro do Brasil com o real desvalorizado. A situação, novamente, exige a atuação do poder público uma vez que é o único

---

<sup>13</sup>WOLFF, Cristina Scheibe; *et al.* Pandemia na necroeconomia neoliberal. *Revista Estudos Feministas*, v. 28, n. 2, 2020, p. 03.

<sup>14</sup>A dificuldade de acesso a um emprego formal é uma realidade na experiência de pessoas refugiadas, devido à dificuldade de reconhecimento de suas qualificações ou experiências anteriores, acesso à educação e as oportunidades no território estrangeiro. AGER; STRANG, 2008.

<sup>15</sup>BRASIL. *SRAG 2020,2020b*, [s.l.]

<sup>16</sup>INSTITUTO PÓLIS. *Paraisópolis tem melhor controle da pandemia que o município de São Paulo*, 2020, [s.l.].

<sup>17</sup>FIGUEIREDO SANTOS, José A. Covid-19, causas fundamentais, classe social e território. *Trabalho, Educação e Saúde*, 2020, p. 02.

<sup>18</sup>SÃO PAULO. *Fundação Procon-sp constata variação da cesta básica de 2,13% em outubro/2020*, 2020, [s.l.].

capaz de impor políticas de barreiras à exportação. Ocorre que, sob a ótica do discurso neoliberal, tais políticas não são bem vistas.

O papel do Estado é determinante para a proteção de pessoas em condições mais vulneráveis, contudo políticas neoliberais ganharam força, sobretudo após a eleição de Donald Trump para a presidência norte-americana e elas esboçam melhor a crise do capital. Apesar do debate ter se iniciado fortemente nos Estados Unidos da América, no Brasil, a questão também ganhou força e, novamente, o resultado da eleição presidencial comprovou a afirmação.

O presidente Jair Bolsonaro foi eleito, dentre outras razões, pela crescente força do discurso neoliberal. Dentre as propostas do então candidato, encontrava-se a redução da participação do poder público na promoção de políticas públicas, o que acabou se concretizando com sua eleição, no desmonte de secretarias e ministérios que promoviam direitos sociais e do trabalho, cortes de verbas destinadas à pesquisa e ao ensino público, além das reformas administrativas e tributárias, que submetem o cidadão de menor renda a maiores despesas e colocam em risco a própria prestação de serviços públicos e direitos sociais, tais como a previdência pública. Ao mesmo tempo, o debate a respeito do imposto sobre grandes fortunas nem mesmo é levantado<sup>19</sup>.

Por todo o debate até aqui levantado, resta evidente que o sistema capitalista revela-se incapaz de atender à necessidade das sociedades presentes, resultando na crise do capital. Logo, pretende-se agora uma análise da releitura do sistema socialista proposta por Axel Honneth, em sua obra *A ideia do Socialismo*.

## **A IDEIA DE SOCIALISMO EM AXEL HONNETH COMO RESPOSTA AO SISTEMA CAPITALISTA**

Honneth parte de uma constatação de que existe uma insatisfação quanto ao sistema social, político e econômico instaurado pelo capitalismo, mas, de outro lado, uma total ausência de orientação em relação ao seu enfrentamento. Ou seja, se de um lado o desconforto é patente; de outro, a sociedade não consegue ver nenhuma alternativa para a organização social fora do plano capitalista.

---

<sup>19</sup>ESTEVEVES, Juliana Teixeira; GOMES, José Menezes. O neoliberalismo como ‘desdemocratização’ do trabalho. *Revista Direito e Práxis*, 2020, p. 2587.

A partir dessa constatação e da insatisfação quanto às respostas oferecidas para a questão, Honneth vai perquirir porque o socialismo, movimento que antes preenchia o imaginário coletivo como alternativa ao sistema desigual e massacrante do capitalismo originado na Revolução Industrial, deixou rapidamente de ocupar espaço na orientação social para mudança, bem como quais seriam as adaptações necessárias a esse sistema para que possa, nos dias atuais, voltar a alimentar o imaginário social, comportando-se como alternativa a uma nova organização.

Apesar da ideia de socialismo já ter sido trabalhada no século XVIII para traduzir a ideia de que a ordem jurídica é baseada em fundamentos humanos voltados a socialidade, em clara crítica ao controle Eclesiástico do direito como revelação divina; o termo socialismo como movimento surgiu com a industrialização capitalista. “Nasceu quando ficou demonstrado que as exigências da Revolução francesa de liberdade, igualdade e fraternidade, não passavam de promessas vazias para certa camada da sociedade”<sup>20</sup> e teve como causa inicial as injustiças contra a população trabalhadora, que foi a primeira a sofrer o impacto da implementação capitalista que atende apenas aos interesses do mercado, nunca aos interesses sociais<sup>21</sup>.

Aliás, essa foi a formulação feita por Émile Durkheim, para quem as correntes socialistas poderiam ser abarcadas por um manto comum: da necessidade de se submeter o mercado ao controle social, através do Estado. Mas Honneth questiona essa posição, apontando que na verdade esta definição escapa aos objetivos morais primordiais do movimento socialista, tanto dos primeiros grupos, quanto do segundo. Isto porque, desconsidera o principal objetivo da corrente socialista, a concretização equilibrada dos objetivos da Revolução Francesa: liberdade e fraternidade. Aqui não há uma preocupação com a igualdade, pois a igualdade formal, garantida pela lei à época já preenchia as expectativas dos pensadores, a incoerência que segundo eles trazia mazelas se encontrava na impossibilidade de se concretizar a fraternidade pelo fato de que a liberdade preconizava apenas anseios privados, egoísticos, individuais<sup>22</sup>.

Então, ao contrário do que preconiza a ideia traduzida na “reintegração social do mercado”<sup>23</sup>, “os objetivos socialistas não apresentavam a transferência dos meios de produção para a propriedade comunitária como um simples objetivo em si mesmo”<sup>24</sup>, mas, ao contrário,

---

<sup>20</sup> HONNETH, Axel. *A ideia de socialismo*. Lisboa: Edições 70, 2017, p. 19.

<sup>21</sup> HONNETH, 2017, p. 19-22.

<sup>22</sup> HONNETH, 2017, p. 23-26.

<sup>23</sup> HONNETH, 2017, p. 24.

<sup>24</sup> HONNETH, 2017, p. 26.

quando era considerada – o que não acontecia em todas as posições –, o era apenas na medida em que fosse indispensável concretização das exigências morais do movimento: realização da fraternidade, com conseqüente, alargamento do conceito de liberdade. Assim, a tarefa do socialismo se propunha a eliminar uma contradição nas exigências levantadas em simultâneo com a Revolução Francesa: “não é possível dar qualquer passo na concretização do objetivo normativo da fraternidade, da entreatajuda solidária, porque o outro objetivo – o da liberdade – é concebido exclusivamente nas categorias de um egoísmo privado refletidas nas relações de concorrência do mercado capitalista”<sup>25</sup>. O objetivo era transformar a liberdade em uma esfera de ação econômica que permitisse também a fraternidade.

É, pois, desde o início, um movimento crítico ao capitalismo, não negando suas bases, os aceitando, mas apontando a incoerência na tentativa de alcançar uma fraternidade enquanto a liberdade não for pensada de modo menos individualista<sup>26</sup>.

Ainda que os autores iniciais como Robert Owen, Fourier, Blanc, Proudhon tratassem da incoerência, não traziam fundamentação teórica necessária. Isso foi alcançado com Marx. Para Honneth<sup>27</sup>, Marx usava de outras palavras para definir os mesmos problemas e que estas opções ainda que possam tornar nublado os anseios morais, são eles que pautam a formulação. Marx entende que a liberdade dentro do modo de produção capitalista é uma liberdade pautada apenas nos interesses de satisfação egoística – que coloca a propriedade privada como bem maior – que viola a fraternidade. Por isso, propõe um modelo de sociedade a qual a liberdade e a solidariedade estão interligadas por meio da formação da consciência, mas, uma consciência que se realiza numa relação de interdependência dos sujeitos sociais: “os sujeitos não agem um com os outros, mas também um para os outros”<sup>28</sup>, numa sociedade em que existam objetivos complementares e o agir de um indivíduo incide na sua concretização, ou seja, as ações do sujeito geram uma consequência consciente e desejada que alimenta e é alimentada pelos objetivos comuns. Bom, com maiores ou menores direções conceituais Honneth identifica que,

Embora possa mudar a terminologia utilizada por um ou outro autor, o conceito de comunidade adotada vai além do habitual, pois não inclui apenas convicções partilhadas em termos de valores e um determinado grau de identificação com os

---

<sup>25</sup> HONNETH, 2017, p. 27.

<sup>26</sup> HONNETH, 2017, p. 28.

<sup>27</sup> HONNETH, 2017, p. 33-36.

<sup>28</sup> HONNETH, 2017, p. 36.

objetivos do grupo, mas sobretudo também um envolvimento recíproco dos membros do grupo e uma simpatia pelo outro – o reconhecimento<sup>29</sup>.

Mas, então, como a liberdade deve ser encarada nesse tipo de comunidade? Para Honneth, os socialistas parecem pretender considerar a cooperação na comunidade solidária como concretização da liberdade, pois a liberdade social significaria participar na prática social de uma comunidade na qual os membros têm tanta simpatia uns pelos outros que, para bem dos outros, ajudam-se reciprocamente na satisfação das suas necessidades justificadas. O individualismo é assim holístico, pois a liberdade nessa comunidade “não pode ser realizada por uma pessoa individual, mas apenas por um coletivo adequado”<sup>30</sup>, que é meio para a liberdade. Isso tudo só seria possível quando se instaurasse uma simpatia recíproca (aqui prefiro chamar de reconhecimento), pois esse comportamento dentro da sociedade faria desaparecer todos os incidentes negativos inseridos pelo capitalismo, de modo que os sujeitos tratar-se-iam fundamentalmente como iguais (igualdade), renunciando a partir daí qualquer exploração ou instrumentalização recíproca (fraternidade), e isso é exercício de liberdade. Assim, concretizam-se, nas comunidades solidárias simultaneamente os três pontos: igualdade, liberdade e fraternidade<sup>31</sup>.

Conforme Honneth, a ideia de socialismo não se limita a uma aplicação apenas em sociedades limitadas, reduzidas ou de certa forma homogêneas, mas que é possível a sua ampliação a sociedade inteiras, desde que seja estabelecida como é possível a relação entre a liberdade social, aquela que o socialismo buscou implementar, a as liberdades individuais e as formas de reprodução social.

Entretanto, o autor aponta que exatamente neste ciclo de relação a ideia inicialmente desenvolvida pela teoria não foi suficiente, o que culminou mais tarde no surgimento de problemas insustentáveis. Para tanto, expõe que, de uma forma geral, os propulsores do movimento socialista no momento de seu surgimento compartilhavam três pressupostos básicos e construíam suas variações e interpretações a partir disto.

Para Honneth, o primeiro pressuposto já traz consigo o abandono da importância das instituições democráticas, pois os socialistas tendem a concentrar todo o tipo de liberdade e do seu exercício apenas na esfera econômica, afastando-se de forma súbita e negligente dos modos

---

<sup>29</sup> HONNETH, 2017, p. 25.

<sup>30</sup> HONNETH, 2017, p. 42.

<sup>31</sup> HONNETH, 2017, p. 42.

de reprodução social fora ou para além desta esfera. Isso resulta num “conceito inadequado de política”, assim como “na ausência do lado emancipatório dos direitos iguais à liberdade”<sup>32</sup>. Esse desinteresse para os outros direitos civis e duas funções na sociedade acabou por gerar um abismo na teoria no que tange às instituições políticas e sua tarefa orientadora e constituidora da liberdade e da sociedade. Honneth chega a mencionar o desenvolvimento de uma separação entre a esfera política e a esfera econômica, com o conseqüente desprezo pelas instituições quando a inclusão social dos sujeitos passa a se concretizar apenas na esfera econômica, por meio de sua “participação na produção cooperativa”, de modo que a teoria socialista se tornou estéril para o “acesso normativo à esfera política a partir da própria doutrina”<sup>33</sup>.

A tentativa posterior à Segunda Guerra Mundial de associar o socialismo à ideia de democracia, revela Honneth, não passou de “uma compreensão muitíssimo limitada da democracia política segundo o modelo liberal tradicional, com a esfera institucional a partir da qual a questão social deveria ser resolvida [...] por meio da limitação do mercado capitalista”<sup>34</sup>, deixando de lado a ideia de liberdade social.

O segundo pressuposto também revela problemas graves, que levam a teoria socialista como inicialmente pensada a uma implosão. Isto porque a teoria socialista adota como pressuposto a existência de um movimento emancipatório ou revolucionário existente e latente na sociedade, sem, contudo, ter a real correspondência da existência ou não desta suposição, ou seja, a teoria traz consigo uma certeza lógica que chega a dispensar qualquer tipo de prova na realidade empírica. Com isso despreza dois aspectos relevantes: a limitação de seus pressupostos, pois concentrado nos trabalhadores assalariados industriais e a possibilidade de um pensamento não homogêneo dentro deste círculo<sup>35</sup>. Honneth explica que a teoria caiu numa “arbitrariedade teórica” de autorreferenciamento quanto partiu “do pressuposto de que os objetivos defendidos pela sua própria teoria já estariam representados na realidade social por um sujeito coletivo que é suposto possuir um interesse comum na revolução, apesar de todas as diferenças entre as sensibilidades concretas de cada membro”<sup>36</sup>. Essa ausência de empirismo se tornou mais evidente após a segunda guerra e o surgimento do regime pós-industrial, culminando na referida implosão das ideias socialistas, já que com a generalização do vínculo de emprego como a modalidade contratual do novo ciclo, aquele grupo já pressuposto, foi

---

<sup>32</sup> HONNETH, 2017, p. 52.

<sup>33</sup> HONNETH, 2017, p. 54-56.

<sup>34</sup> HONNETH, 2017, p. 56.

<sup>35</sup> HONNETH, 2017, p. 58.

<sup>36</sup> HONNETH, 2017, p. 61.

reduzido significativamente, passando a configurar uma parcela diminuta da realidade social e econômica. “Sem ligação a uma força social cujos objetivos já exigem comprovadamente a sua concretização, o socialismo, tal como qualquer outra teoria normativa, não passa de um ideal perante uma realidade flexível”<sup>37</sup>.

O terceiro pressuposto, conforme Honneth, gera um “fardo hereditário” para o socialismo, quando vincula a implementação do sistema a um movimento histórico evolutivo linear e permanente. Assim, o “socialismo não representa senão o produto do reconhecimento de uma evolução inevitável”, decorrente de lutas sociais ou evolução de forças produtivas e desenvolvimento de potencialidades, “cuja próxima etapa consistiria na superação das relações de concorrência da econômica de mercado e na substituição por uma associação cooperativa de todos os trabalhadores”<sup>38</sup>. Com isso, a atuação dos sujeitos é jogada a segundo plano, pois se o movimento histórico é constate, inevitável e perene, ele se concretiza independentemente da atuação dos sujeitos, que teriam papel meramente acessório num quase esperar da concretização de um destino traçado<sup>39</sup>. Esse “esperar para ver” afastou o socialismo da possibilidade de se materializar por meio de experiência sociais concretas e renovadoras.

Assim é que os pressupostos que formam a base da ideia socialista encontram-se atrelado aos elementos constitutivos do período da revolução social, no início do século XIX e a todo contexto social a ele inerente, que, sofreu rápida modificação ainda no decorrer daquele século. Isso explica e justifica “a causa do envelhecimento rápido e silencioso das ideias socialistas pouco depois da Segunda Guerra Mundial”<sup>40</sup>, mas não afasta a necessidade de realizar uma releitura da ideia de socialismo a partir destes elementos constitutivos, realizando uma adequação articulada de elementos teóricos abstratos separados do “espírito industrialista”, mas capaz de captar o espírito da sociedade moderna.

Para resumir o quadro estrutural da problemática socialista, Honneth demonstra a existência de um paradoxo que, em sua opinião, prejudicou a evolução da ideia de socialismo:

O socialismo desenvolve a ideia fértil e de grande alcance de uma dissolução das heranças contraditórias da Revolução Francesa através da institucionalização de liberdades sociais no âmbito de uma forma de pensamento que se baseia, quase em todos os aspectos, na experiência da revolução industrial”, o próprio aspecto

---

<sup>37</sup> HONNETH, 2017, p. 63.

<sup>38</sup> HONNETH, 2017, p. 66.

<sup>39</sup> HONNETH, 2017, p. 69.

<sup>40</sup> HONNETH, 2017, p. 73.

que no “quadro teórico [...] impede a força produtiva normativa da ideia da liberdade social de desenvolver de facto o potencial que lhe é inerente”<sup>41</sup>.

Por isto, para superar o paradoxo e conseguir ressignificar a ideia de socialismo, Honneth entende que deve haver uma reformulação dos pressupostos básicos que fundamenta a teoria, já que eles, por si só, apresentam-se enraizados no próprio paradoxo. Assim, ao invés de adotar os mesmos pressupostos é preciso, ao contrário, “encontrar um complemento para cada um dos três pressupostos fundamentais que constituem conjuntamente o socialismo como uma teoria que visa alterações práticas que possa estar à altura da evolução da consciência”<sup>42</sup>

Em sua proposta de revisão dos pressupostos, Honneth entende que o desenvolvimento do ponto central acaba por provocar como consequência lógica e argumentativa a revisão dos demais elementos. Assim, centra sua correção na “intenção de identificar o ponto na sociedade moderna no qual a liberdade social deverá encontrar futuramente um lugar institucional”<sup>43</sup>, a ser realizada por meio de duas revisões: a primeira centrada nas ideias desenvolvidas para transformar o sistema econômico e a segunda dedicada a intenção de concentrar o exercício das liberdades sociais apenas dentro deste sistema, o econômico<sup>44</sup>.

No que tange à primeira premissa, Honneth ensina que os socialistas adotaram um modelo sistemático e fechado, muito difícil de se concretizar sem a criação de um sistema econômico “com ausência total de mercado” e com isso acabaram reprimindo o movimento socialista, impedindo-o de se materializar, de “[...] refletir sobre caminhos institucionais de socialização da economia que fossem para além de uma economia planejada centralmente”<sup>45</sup>.

Assim, como alternativa, propõe a análise conjunta de três modos de institucionalização das liberdades sociais, conforme a intuição original do próprio modelo socialista, ou seja, “dos três modelos econômicos disponíveis para o empenho horizontal dos trabalhadores em prol uns dos outros e para a sua complementariedade”: a aplicação da lei de oferta e procura idealizada por Adam Smith, onde a mão invisível do mercado seria capaz da auto regulação; a visão de uma associação de produtores livres, através da qual “os membros de uma comunidade capazes de trabalhar organizam e gere, autonomamente os seus assuntos econômicos no quadro de um autocontrole democrático”; e por fim, por meio de um órgão estatal, escolhido pelos próprios

---

<sup>41</sup>HONNETH, 2017, p. 75.

<sup>42</sup>HONNETH, 2017, p. 77.

<sup>43</sup>HONNETH, 2017, p. 78.

<sup>44</sup>HONNETH, 2017, p. 79.

<sup>45</sup>HONNETH, 2017, p. 82.

cidadãos inseridos num processo democrático, é encarregado de conduzir e supervisionar o desenvolver econômico sempre em prol do bem estar da sociedade<sup>46</sup>.

Mas ressalta-se, é preciso que a utilização desses mecanismos se dê de forma conjunta, como alternativas que devem ser adotadas quando se caracterizarem como o mais adequado à concretização da liberdade social naquela determinada sociedade, pois somente assim, quando a concretização da liberdade social se perfizer através de experiências práticas, passíveis, portanto, de verificação empírica, o modelo socialista se afastaria do processo de implosão a que esteve destinado<sup>47</sup>.

A consequência desse afastamento de premissas irrefutáveis, dando lugar a experimentação, outro pilar do movimento socialista, consistente no seu inevitável avanço histórico, também enseja uma nova visão. Para tanto, apoia-se na ideia de John Dewey, segundo o qual a pressuposição de que:

A forma do nível seguinte da evolução histórica já estava definida, portanto, que à ordem social capitalista tem de seguir, inevitavelmente, uma ordem social socialista, predeterminada, deixaria de existir qualquer necessidade de descobrir – através da exploração das potencialidades oferecidas pelo presente – que medidas seriam apropriadas para atingir as melhorias desejadas, já que os resultados a serem objetivos já estão vinculados a evolução histórica inevitável<sup>48</sup>.

Há, pois, patente incompatibilidade entre o pressuposto histórico evolutivo e as práticas experimentais, a qual pode ser superada pela ideia de que a evolução dentro da esfera social decorre do movimento de idas e vindas da comunicação social, que permite a formação de barreiras comunicativas, com exclusão de alguns membros, sua luta pela inclusão e a superação das barreiras que impedem a livre e mais ampla comunicação possível entre os sujeitos componentes da sociedade na definição de seus regras de convivência<sup>49</sup>.

Assim, o critério da evolução histórica revista com essa nova roupagem recebe o corte da luta social, que permite ao socialismo ser percebido como uma:

---

<sup>46</sup> HONNETH, 2017, p. 84.

<sup>47</sup> HONNETH, 2017, p. 84.

<sup>48</sup> HONNETH, 2017, p.85.

<sup>49</sup> HONNETH, 2017, p. 86-89.

[...] articulação moderna e específica do facto de, no processo histórico, existirem grupos sempre novos, que mudam conforme as circunstâncias sociais e que se esforçam para que as suas próprias reivindicações, não atendidas até ao momento, sejam ouvidas em público, procurando derrubar as barreiras na comunicação e, por conseguinte, alargando os espaços de manobra da liberdade social<sup>50</sup>.

Esses processos de lutas externados como experiências práticas deveriam formar, segundo Honneth, um arcabouço histórico registrado, capaz de fornecer um lastro de experiências já vivenciadas sobre as quais os socialistas poderiam se apoiar para analisar as experiências no plano concreto e partir de então propor ou encaminhar as modificações futuras. Mas, ressalta-se que essas expectativas futuras também não podem ser pressupostos imutáveis adotados com base em apenas uma categoria social, sob pena de incorrer no mesmo erro já vivenciado pelos socialistas iniciais; é preciso, portanto, que as transformações e perspectivas futuras sejam traçadas por meio da experiência, levando em consideração não apenas a luta de um grupo específico, mas encarando as experiências de avanços no exercício da liberdade social como conquistas institucionais, transmudadas em avanços normativos e culturais da sociedade<sup>51</sup>. Isto significa que o socialismo deve ser inserido numa espécie de processo evolutivo experimental, desenvolvido no formato representativo de uma onda sonora, com picos altos representados pela solidificação de conquistas institucionais, seguidos dos declives representativos das modificações das necessidades e das lutas e contestações dos mais variados núcleos que, ao longo da história, modificam suas necessidades e as expressões por reivindicações, que, novamente, transformam-se em avanços, mas encarnadas não apenas por aquele coletivo social, mas inseridas na sociedade como experiência prática institucionalizada. Mas, para isto, deve ser alcançado o segundo nível de transformação elencada por Honneth, como imprescindível a atualização do socialismo: o despreendimento da ideia de socialismo e, portanto, de exercício da liberdade social, da esfera exclusivamente econômica.

Ensina Honneth que os primeiros socialistas conceberam o conceito de liberdade social aquela que permite o exercício da liberdade e da fraternidade de forma conjunta, priorizando a esfera econômica, reduzindo a importância das outras esferas sociais<sup>52</sup>. Ainda que no período em que ocorre a Revolução Francesa já existissem teorias que consideravam a separação da esfera pública da esfera privada, a separação do mercado e do Estado, os socialistas, naquele momento, não consideraram tais aspectos na formação da sua teoria, concentrando-se na esfera

---

<sup>50</sup> HONNETH, 2017, p. 92-93.

<sup>51</sup> HONNETH, 2017, p. 100-104.

<sup>52</sup> HONNETH, 2017, p. 110.

econômica, que, para eles, reunia todas as relações sociais importantes. Em outras palavras, o exercício prático da liberdade social criada pelo movimento socialista insistia em enxergar toda sociedade através do binóculo econômico dos processos industriais.

Assim é que para superar este entrave é preciso encarar que não só a esfera econômica, mas também outras esferas, como a formação da vontade democrática e as relações pessoais, em que “os desempenhos desejáveis só podem ser alcançados se os envolvidos puderam interpretar os seus contributos específicos como contributos interligados de forma livre e complementando-se reciprocamente”<sup>53</sup>. Isto porque, de acordo com o autor, para essa nova visão da ideia de socialismo, a sociedade não se tornará social ou, não será capaz de exercer a liberdade social enquanto os entraves egoísticos não forem ultrapassados nas outras esferas: econômica, social e pessoal. E mais, segundo Honneth, é preciso ir além do reconhecimento da existência e importância das três esferas exercerem a liberdade social, faz-se necessário entender que a interação dessas esferas devem ocorrer sem constrangimento e voltada, sobretudo, ao objetivo superior da reprodução social, como um organismo que, mesmo composto de parte independentes, compõe uma totalidade em funcionamento conjunto com o objetivo comum<sup>54</sup>. Objetivo este que, segundo os próprios parâmetros traçados pelo autor, não podem ser estáticos ou predefinidos, mas deve funcionar como um “esquema de orientação que se limita a definir a direção da busca experimental de possibilidades institucionais de concretização”<sup>55</sup>.

Com a retirada do foco da teoria à esfera econômica – e o seu deslocamento para a interação orgânica entres três esferas independentes, mas complementares, há como consequência, a perda do “interlocutor decisivo”, ou seja, é perdido o elo de ligação ou de emanção de influência. Se antes, a figura do trabalhador se opunha expressamente aos capitalistas, agora o cenário ampliado, deve levar em consideração uma pluralidade de atores sociais, cada qual com sua atuação específica em várias das esferas de modo concomitante<sup>56</sup>. Aqui a interseccionalidade não pode ser o elemento catalizador de uma nova implosão da teoria, pois, ao contrário, ela é o elemento emancipador do socialismo. Por isto, conforme ensina Honneth, é preciso conceder a esfera da vontade democrática a função de controle reflexivo do processo de orientação social e de correção de erros internos, pois é ela a instância na qual os integrantes da sociedade podem participar de forma livre possível por meio de instrumentos de

---

<sup>53</sup> HONNETH, 2017, p. 124.

<sup>54</sup> HONNETH, 2017, p. 129-130.

<sup>55</sup> HONNETH, 2017, p. 130.

<sup>56</sup> HONNETH, 2017, p. 133.

deliberação pública<sup>57</sup>. Por meio destes ajustes, o socialismo deixará de ser um assunto só de trabalhadores assalariados e passará a ser também um assunto de cidadãos políticos<sup>58</sup> e, como consequência, poderá se tornar uma alternativa plausível ao sistema capitalista atualmente tão criticado.

## CONCLUSÃO

Axel Honneth, em seu livro *A ideia de socialismo*, já apontava para a insatisfação das respostas apresentadas pelo sistema capitalista na medida em que explicita que, apesar de ser clara a insuficiência do sistema atual, há uma espécie de paralisia quanto a possibilidade de novos caminhos.

Para tanto, propõe como alternativa, a reformulação da ideia de socialismo, originária do período da Revolução Industrial do século XIX, por meio da reestruturação de duas premissas principais: a primeira centrada nas ideias e pressupostos escolhidos para transformar o sistema econômico e a segunda dedicada a intenção de concentrar o exercício das liberdades sociais apenas dentro deste sistema, o econômico.

A partir da readequação destes pressupostos constitutivos da antiga ideia, Honneth acredita ser capaz de permitir a transformação do socialismo em uma teoria sólida e, ao mesmo tempo flexível, pautada nas experiências práticas e despida de pressupostos inquestionáveis, a ponto de permitir a implementação da liberdade social independente do momento histórico.

Nesse sentido, as reflexões propostas no presente trabalho, a partir de uma perspectiva dos impactos decorrentes da pandemia de Covid-19, pode-se observar as contradições que o sistema capitalista impõe ao mundo e, principalmente, às pessoas mais vulneráveis.

A solução encontrada pela OMS com o objetivo de conter o avanço da doença e tentar frear a disseminação do vírus foi pelo isolamento social absoluto. Tal recomendação incidia diretamente sobre as atividades econômicas.

No Brasil, os governos estaduais tomaram a frente no enfrentamento à doença e emitiram decretos com medidas para a contenção da transmissão local do vírus. Já no âmbito federal, apesar de sua inercia acerca das medidas estaduais, buscou regular o movimento transfronteiriço e evitar o avanço do Novo Coronavírus. Entretanto, na prática, tais medidas se

---

<sup>57</sup> HONNETH, 2017, p. 134-135.

<sup>58</sup> HONNETH, 2017, p. 137.

mostraram exceções às restrições da entrada de estrangeiros e uma postura discriminatória contra venezuelanos, já que as portarias interministeriais vedavam apenas a entrada de pessoas da Venezuela.

Tais medidas dificultaram a busca por proteção internacional e proporcionaram inúmeras barreiras nos atendimentos para emissão dos protocolos de refúgio e, via de consequência, o acesso ao emprego ou serviços de emergência, o que mostra que a pandemia não é democrática.

Além dos impactos negativos em pessoas refugiadas, diversos outros grupos vulneráveis não contam com as proteções próprias do sistema capitalista. Apesar do desemprego ter atingido níveis recordes e a baixa remuneração de trabalhadores, grandes empresas de *e-commerce*, por sua vez, tiveram um aumento de 47% nas vendas e a fortuna de 647 bilionários norte-americanos aumentou em quase U\$960 bilhões, desde meados de março de 2020.

O cenário da pandemia de Covid-19 nos mostra que a resposta concedida pelo sistema capitalista não se mostra satisfatória às exigências sociais, mas apenas ressalta que os valores e princípios do Estado Democrático de Direito podem ser flexibilizados frente as demandas do capital. Deste modo, diante das reflexões apresentada por Honneth, é possível a consolidação de um modelo de sistema alternativo ao Capitalismo, que permite, finalmente, depois de dois séculos, a consecução simultânea da liberdade e da fraternidade.

## REFERÊNCIAS

ACNUR. *Dados sobre Refúgio*. 2021. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/%20dados-sobre-refugio/>>. Acesso em: Mar. 2022.

AGER, Alastair; STRANG, Alison. *Understanding integration: A conceptual framework*. *Journal of refuge studies*, v. 21, n. 2, 2008, p. 166-191.

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio De Janeiro: Zahar, 2017.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Desemprego*. 2020a. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>>. Acesso em: Mar. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *SRAG2020*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020b. Disponível em: <<https://opendatasus.saude.gov.br/dataset/bd-srag-2020/resource/d89ea107-4a2b-4bd5-8b8b-fa1caaa96550>>. Acesso em: Mar. 2022.

EBIT (Brasil). *42º Relatório Webshoppers*. 2020. Disponível em: <<https://company.ebit.com.br/webshoppers>>. Acesso em: Mar. 2022.

ESTEVES, Juliana Teixeira; GOMES, José Menezes. O neoliberalismo como “desdemocratização” do trabalho. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 2502-2516, 02 dez. 2020. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/50104/35862>>. Acesso em: Mar. 2022.

FIGUEIREDO SANTOS, José A. *Covid-19, causas fundamentais, classe social e território*. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020, e00280112. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00280.

HONNETH, Axel. *A ideia de socialismo*. Portugal: Edições 70, 2017.

INSTITUTE FOR POLICY STUDIES (Washington Dc). *Billionaire Wealth vs. Community Health: protecting essential workers from pandemic profiteers*. Washington Dc: Institute For Policy Studies, 2020. 37 p. Disponível em: <<https://ips-dc.org/wp-content/uploads/2020/12/Report-Billionaires-EssentialWorkers-FINAL-2.pdf>>. Acesso em: Mar. 2022.

INSTITUTO PÓLIS. *Paraisópolis tem melhor controle da pandemia que o município de São Paulo*. 2020. Disponível em: <https://polis.org.br/noticias/paraisopolis/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. *Global Wage Report 2020-2021*. 2020. Disponível em: <[https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms\\_762534.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_762534.pdf)>. Acesso em: Mar. 2022.

SÃO PAULO. PROCON-SP. *Fundação procon-sp constata variação da cesta básica de 2,13% em outubro/2020*. São Paulo: Procon-Sp, 2020. Disponível em: <<https://www.procon.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/11/CBOUTUBRO2020.pdf>>. Acesso em: Mar. 2022.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB). *Fome, desemprego e medo: as dificuldades enfrentadas por refugiados no Brasil*, 2021. Disponível em: <<http://repositoriocovid19.unb.br/repositorio-produtos/fome-desemprego-e-medo-as-dificuldades-enfrentadas-por-refugiados-no-brasil/>>. Acesso em: Mar. 2022.

US DEPARTMENT OF LABOR. *UNEMPLOYMENT INSURANCE WEEKLY CLAIMS*. Washington Dc: Us Department Of Labor, 2020. 12 p. Disponível em: <<https://www.dol.gov/ui/data.pdf>>. Acesso em: Mar. 2022.

VINCENZI, Brunela Vieira de et. al., Venezuelanos no Brasil: apoio e preconceito durante a pandemia de Covid-19. *Revista da Escola Judicial do TRT4*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 249–276, 2020. Disponível em: <<https://rejtrt4.emnuvens.com.br/revistaejud4/article/view/100>>. Acesso em: Mar. 2022.

WOLFF, Cristina Scheibe; MINELLA, Luzinete Simões; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Pandemia na necroeconomia neoliberal. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, e74311, 2020.

Recebido em:30/03/2022 – Aprovado em: 02/08/2022